

A CRISE DO TEMPO, A DESORIENTAÇÃO E O LENTO CANCELAMENTO DO FUTURO

THE CRISIS OF TIME, DISORIENTATION AND THE SLOW CANCELLATION OF THE
FUTURE

Priscila Gomes Silva¹

Resumo: O artigo visa a empreender uma reflexão sobre a experiência de tempo desorientada, que reverbera tanto na perda de crença no futuro quanto na nostalgia. O senso de desorientação se reflete numa crise da memória, engendrando um excesso na produção de arquivos e na preservação do patrimônio, como tentativa de controlar as perdas experimentadas pela velocidade das mudanças operadas na contemporaneidade. A análise do senso de desorientação articula a velocidade das transformações técnicas, seus impactos sociais, políticos e econômicos, seus reflexos nos produtos culturais e no psiquismo dos indivíduos. Consideramos para a produção do artigo as reflexões dos filósofos Franco Berardi, Bernard Stiegler e Mark Fisher, além dos historiadores Nicolau Sevcencko, François Hartog e Pierre Nora.

Palavras-chave: Crise do tempo; Desorientação; Presentismo.

Abstract: The paper aims to engage a reflection on the experience of disoriented time, which resonates both in the loss of belief in the future and in nostalgia. The sense of disorientation is reflected in a crisis of memory, engendering an excess in the production of archives and the preservation of patrimony as an attempt to control the losses experienced by the speed of changes produced in contemporaneity. The analysis of the sense of disorientation articulates the speed of technical transformations, their social, political, and economic impacts, their reflections in cultural products, and in the psyche of individuals. In the production of the paper, we consider the reflections of philosophers Franco Berardi, Bernard Stiegler, and Mark Fisher, as well as historians Nicolau Sevcenko, François Hartog, and Pierre Nora.

Keywords: Time crisis; Disorientation; Presentism.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Licenciada em História pela Universidade Federal do Ceará. Instituição financiadora: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ. E-mail: priscilagomes_s@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Franco Berardi, no prefácio de seu livro *Depois do futuro*, afirma: “Hoje, a decadente raça branca do mundo ocidental está mergulhada em uma espécie de desordem mental baseada na impotência e no autodesprezo (BERARDI, 2019, p. 7).” Berardi faz referência ao tipo humano que tomou a dianteira do movimento fascista na Europa levados por uma fé cega no progresso, na tecnologia, na máquina e na velocidade, encabeçando o viés obscuro da racionalidade moderna, esta que alimentava expectativas de um futuro grandioso e promissor, a despeito de todas as contradições que se apresentavam. A crença no futuro vivida por aquela sociedade, em suas luzes e suas sombras, foi sendo substituída, ao longo das crises, por uma melancolia, uma desorientação do tempo e um imaginário catastrófico do fim da humanidade tal como ela se apresenta no Ocidente, decorrente do esgotamento de um modelo civilizacional consumista e predatório que tem se mostrado cada vez mais insustentável. O sintoma de desorientação produz seus reflexos na cultura popular, hoje caracterizada por um intenso caráter nostálgico, que forja produtos cada vez mais difíceis de serem diferenciados temporalmente. Em seu viés negativo, tem feito ressurgir tradições que resgatam valores nocivos para a coexistência entre os grupos humanos, caracterizando uma radicalidade da experiência de tempo desorientado.

Os elementos que antecedem esse estado de coisas, podem ser compreendidos a partir das promessas da modernidade que não se cumpriram, o que assinala, hoje, o fim das utopias, dos grandes modelos explicativos, das grandes narrativas históricas, do modelo de civilização, enfim, tal qual conhecemos: de matriz ocidental, cristã, capitalista - industrial (CASTRO, 2014, p. 12)

O presente artigo visa a empreender uma reflexão sobre essa experiência desorientada do tempo, que reverbera tanto na perda de crença no futuro – se desdobrando tanto num presentismo –, quanto na nostalgia, que busca suas referências e valores no passado a fim de dar conta da velocidade das transformações operadas no presente. O senso de desorientação se reflete também numa crise da memória, engendrando um excesso na produção do arquivo e na preservação do patrimônio como tentativa de controlar as perdas experimentadas. A análise do senso de desorientação articula a velocidade das transformações técnicas, seus impactos sociais, políticos e econômicos, além de seus reflexos nos produtos culturais e no psiquismo dos indivíduos. Consideraremos para a produção do presente artigo, as reflexões empreendidas pelos filósofos Franco Berardi, Bernard Stiegler e Mark Fisher, e os historiadores Nicolau Sevcencko, François Hartog e Pierre Nora.

A ACELERAÇÃO DA HISTÓRIA NO LOOP DA MONTANHA-RUSSA DE NICOLAU SEVCENCKO

O historiador Nicolau Sevcencko, em seu livro *A corrida para o século XXI, no loop da montanha-russa* (2001) utiliza a imagem das sensações provocadas pela experiência de andar numa

montanha-russa para dar conta das emoções divergentes, típicas da era das aceleradas inovações tecnológicas, presentes na passagem do século XX para o XXI. Segundo ele, a experiência estaria dividida em três partes, onde a primeira equivaleria à subida tranquila do equipamento e abarcaria os meados do século XVI ao XIX, quando as transformações técnicas operadas pelas elites da Europa Ocidental permitiram a apropriação de fontes de energia e o domínio de forças naturais, possibilitando o desenvolvendo de novos meios de transporte e de comunicação, armamentos e conhecimento especializado, o que lhes permitiu a expansão dos territórios sob a égide do discurso civilizador. Essa fase seria marcada pelo otimismo do século XIX, que resultou na expressão emblemática “ordem e progresso”. A sensação proporcionada pela tranquila subida da montanha-russa seria sucedida pelos solavancos das primeiras quedas, que equivaleriam à segunda fase, que envolve os meados de 1870, quando a Revolução Científico Tecnológica proporcionou a aplicação das descobertas científicas a uma série de invenções e inovações em torno da eletricidade, do uso do petróleo e das indústrias químicas, resultando em novos meios de transporte, de comunicação, e diversão, que, ao atingirem seu apogeu, foram surpreendidos pelas duas grandes guerras, onde aqueles recursos tecnológicos foram absorvidos pelo uso militar e utilizados para a destruição em massa. A retomada do desenvolvimento, operada após as duas grandes guerras, se daria à sombra da Guerra Fria e em meio aos diversos conflitos descentralizados, que minariam a sensação de otimismo presente nos períodos anteriores.

A terceira fase evoca a imagem do *loop*, onde os sentidos do corpo desistem de resistir e se entregam às sensações desorganizadas provocadas pelos movimentos intensos e bruscos da máquina. Para o historiador, esse momento espelha o contexto hodierno, onde os intervalos entre as mudanças se tornaram extremamente curtos, restando pouco espaço para organizar o sentido das transformações e refletir sobre a infinidade de possibilidades presentes no mundo contemporâneo, o que dá ao nosso tempo a sensação de ser “imprevisível, irresistível, incompreensível” (SEVCENCKO, 2001, p.17). O historiador aponta que esse cenário desorientador de aceleração extrema pode tender a uma suspensão da crítica aos impactos, efeitos e desdobramentos da tecnologia.

No que diz respeito à palavra crítica, o historiador explica que, entre os diferentes desdobramentos de sua origem grega estão a palavra *krités*, que significa juiz, a palavra *kritérion*, que fornece as orientações para que os julgamentos sejam feitos, e a palavra *krísis*, que se instala quando os critérios orientadores são suspensos (2001, p. 18-19). O período atual, marcado pela intensificação das mudanças tecnológicas, que tiveram seu ponto de partida na “revolução microeletrônica”, promove uma percepção alterada de tempo e de espaço, suspendendo a crítica, alterando critérios e abrindo a possibilidade de crises, desdobrando seus efeitos sobre as esferas políticas, sociais e econômicas, que impactam nos valores democráticos, na distribuição de recursos e oportunidades, na

desestabilização das estruturas e instituições, aprofundando as desigualdades e injustiças, e, em última instância, repercutindo nas questões ambientais.

Apesar da ressalva feita pelo historiador, que diz muito mais sobre uma preocupação desdobrada no campo da história, uma vez que a aceleração das tecnologias produz um efeito de aceleração da própria história – já que o espaço entre as transformações se torna mais curto, demandando esforços maiores e mais rápidos para dar conta do sentido dos acontecimentos –, no campo da filosofia, reflexões sobre a técnica são operadas desde a Grécia Antiga: na contemporaneidade, têm no filósofo alemão Martin Heidegger um de seus emblemáticos pensadores.

A REFLEXÃO SOBRE A TÉCNICA EM BERNARD STIEGLER

Na esteira das reflexões sobre a técnica e os impactos que as transformações tecnológicas produzem sobre os ecossistemas e os sistemas humanos, o filósofo francês Bernard Stiegler se debruçou sobre a dimensão paradoxal da técnica, lançando um olhar sobre ela a partir de um viés antropológico, aproximando o pensamento de diversos pensadores das tradições filosóficas alemã e francesa – como Husserl, Heidegger, Nietzsche e Marx, Simondon e Leroi-Gourhran –, além de distintos campos do saber, como o das ciências humanas e computacionais, física, filosofia, biologia, psicanálise e economia, articulando essas diversas orientações por meio da filosofia desconstrutivista de Derrida, que lhe permitiu fazer uma “mediação e uma negociação entre os extremos”(PACHECO, 2020, p.164).

A aproximação entre diversos saberes e orientações filosóficas resultou em um olhar diferenciado sobre a técnica, que foi entendida por Stiegler sob um ponto de vista ambivalente, a partir da ideia de *pharmakon* – conceito retomado de Platão por Derrida –, que designa “uma droga ou artifício que tanto pode atuar benéficamente como medicamento, como prejudicar e destruir enquanto veneno” (2020, p 175), ou seja, a depender da utilização, seu uso pode ser benéfico ou prejudicial.

Na França, Stiegler possui influência de dois importantes nomes, o historiador Jean Pierre-Vernant e o antropólogo Leroi-Gourhan. Do primeiro, se apropriou da leitura feita sobre o mito de Prometeu, figura que fundamenta a reflexão heideggeriana sobre a técnica. O mito resgata a experiência grega originária sobre técnica, estabelecendo o homem como ser para a morte e para o trabalho (2020, p.166). A leitura feita por Vernant traz a figura de Epimeteu como par inseparável de Prometeu e complementa o entendimento sobre a natureza ambígua e indeterminada do humano. A abordagem do mito feita pelo historiador francês permitiu a Stiegler ir numa direção oposta ao pensamento de Heidegger, que é perpassado pelas dicotomias entre *logos e techné, physis e nomos*. Para Stiegler, tanto o homem quanto a técnica possuem dimensões ambíguas, o que é possível de ser

vislumbrado já em sua experiência originária, além disso, o próprio homem também é entendido como um ser técnico, o que iria na direção oposta às clivagens presentes em Heidegger. A dualidade Prometeu-Epimeteu fornecem, segundo a pesquisadora Adelaide Pacheco, “imagens de temporalização”, fazendo do humano tanto seres da previsibilidade quanto do atraso, da memória e do esquecimento, dando à existência humana um grau de abertura e indeterminação (2020, p 169).

Os estudos feitos pelo antropólogo Leroi-Gourhan, por sua vez, serviram para embasar as aproximações feitas entre o homem e a técnica, presentes nos mitos gregos, e estreitar as relações entre estes, a comunicação e memória.

Segundo Stiegler, a técnica, antes mesmo da escrita, se configura em instrumento de comunicação, partilha e transmissão de memória social, se estabelecendo como um tipo de memória, a *epifilogenética*, que se materializa em próteses e possui importância crucial na complexificação do córtex cerebral humano, uma vez que, segundo Simondon, o organismo biológico humano, os órgãos sociais e os instrumentos técnicos possuem estreita relação. Stiegler entende, dessa forma, que “há um devir tecnológico-linguístico que instaura o jogo da *différance*, que estará na base de todo o processo de evolução psíquica e coletiva da espécie humana” (2020, p 171). Técnica e linguagem, portanto, não seriam elementos distintos, mas faces opostas da mesma moeda.

A historicidade da condição humana se dá partir do estabelecimento das condições de autotransmissão da existência, dessa forma, a memória *epifilogenética*, isto é, a memória materializada em próteses, estabelece o nosso mundo como mundo histórico. Para Stiegler, os suportes nos quais essa transmissão é feita condicionam o acesso ao passado, e as mudanças nas “técnicas de registro de memória” (*hipomnémata*), que a cada transformação estendem o saber e o poder humano, marcam verdadeiras crises. Foi o que aconteceu na Grécia antiga quando da invenção do alfabeto – que mudou inteiramente a maneira de se conceber a verdade e o acesso a ela –, e no Renascimento, com a invenção da imprensa.

Para Stiegler, a escrita *ortotética* grega lançou a civilização ocidental porque “ela é modelo de todas grandes invenções tecnológicas que asseguraram o domínio do Ocidente” (2020, p 173): ela foi a primeira dos grandes processos de gramatização, que se iniciou com o fluxo fonético, permitindo o desenvolvimento de uma escrita precisa, e se perpetuou pela história com a gramatização dos gestos corporais – permitindo a revolução industrial –, e se dá até hoje na gramatização dos processos cognitivos e processo da economia libidinal, “que são exteriorizados e transferidos para os aparelhos das ‘indústrias de conhecimento’ e das ‘indústrias culturais’ que caracterizam a nossa sociedade industrial” (2020, p. 174). O processo de gramatização, portanto, dá o pontapé para uma existência imersa no tempo do cálculo, do negócio, de uma crescente automatização, que, em última instância, participa da destruição da própria capacidade cognitiva humana e do seu *saber viver*, pois instaura o

tempo matematizado e a proletarização como regime universal, uma vez que subtrai todo o tempo do ócio, fundamental para a produção dos sentidos, e o transforma em tempo do negócio, rentável, calculado, participando do que Stiegler nomeia de empobrecimento noético, que, em última instância, produz reflexos diretos na produção cultural.

MARK FISHER E A DESORIENTAÇÃO NA CULTURA POP SOB O REGIME DO CAPITALISMO TARDIO

Sobre os efeitos da desorientação contemporânea desdobradas na cultura e nos objetos culturais, o filósofo e professor britânico de Cultura Visual Mark Fisher escreve o emblemático *Realismo Capitalista. É mais fácil imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo?* (2020), e tem um compilado de textos seus editados sob o livro *Os fantasmas da minha vida. Escritos sobre depressão, fantologia e futuros perdidos* (2017), onde, no primeiro, Fisher faz uma leitura dos aspectos danosos do capitalismo tardio refletidos na produção cultural elaborada em seu tempo, já em *Os Fantasmas da minha vida*, ele se volta para elementos da cultura que marcaram o seu passado, nos anos 1980, fazendo uma avaliação em retrospecto sobre os aspectos nocivos e contraditórios do capital que já se apresentavam nos produtos elaborados no momento em que o neoliberalismo despontava no Reino Unido. Segundo a leitura de Fisher, que lutou durante muitos anos contra a depressão, vindo a cometer suicídio no ano de 2017, seu estado não estava circunscrito a uma questão particular e individual, mas resultava da estrutura adoecedora do capitalismo atual, os reflexos desses aspectos nocivos podiam ser observados tanto na cultura quanto na subjetividade dos indivíduos: âmbito “pessoal, político e cultura pop” para ele, não eram elementos desvinculados.

Em *Realismo Capitalista*, Fisher afirma que o atual sistema é perpassado por uma enorme instabilidade, demandando estratégias específicas, por vezes contraditórias e conformistas, para lidar com ele. Sob a égide do capitalismo, o termo “ser realista”, que antes significava “fazer as pazes com uma realidade experimentada como sólida e imóvel”, hoje significa ser extremamente maleável para adaptar-se a uma “realidade fungível” que não cessa de mudar (FISHER, 2020, p. 93). A instabilidade produz sintomas de desorientação, distúrbios da memória e crises do tempo, o que em seus efeitos práticos promove uma cultura imediatista, que sente dificuldades de pensar a longo prazo, sendo incapaz de gerar novidades, tornando-a propensa à retrospectiva e resultando numa cultura nostálgica.

Sobre a nostalgia produzida nesse contexto, Fisher faz uma importante ressalva ancorada no pensamento de Frederic Jameson, afirma não se trata de uma nostalgia psicológica, mas de um tipo específico, experimentado na cultura pós moderna, onde o sentido coerente do tempo histórico se rompeu gerando uma incapacidade de produzir novidade, o que a torna excessivamente apegada “às técnicas e fórmulas do passado” e incapacitada de “criar formas culturais inovadoras adequadas à

experiência contemporânea” (FISHER, 2018, p. 36) . Os produtos culturais da contemporaneidade e suas representações, dessa forma, resultam numa justaposição de fórmulas e formas pertencentes a diversas temporalidades, gerando produtos temporalmente indistintos. Para Fisher, “se o real é insuportável, *qualquer* realidade que formos capazes de construir terá que ser um tecido de inconsistências” (2020, p 95).

Além da nostalgia, as narrativas produzidas nesse contexto são permeadas por contradições, desordens temporais, fragmentos evanescentes e sintomas de distúrbios de memória, a preocupação se dá pelo fato de que tais representações fazem parte de uma tentativa de dar conta do real a partir de narrativas distorcidas, fragmentadas, que refletem fabulações consensuais produzidas para desempenhar um papel de consolo num presente insuportável, permeado por uma imensa “precariedade ontológica”. Assim, consensos e esquecimentos se tornam estratégias para a conservação da sanidade mental e refletem o sintoma de adoecimento psíquico de toda uma sociedade.

QUANDO O FIM DO FUTURO DESPONTA NO HORIZONTE SOB O SINTOMA DE ESGOTAMENTO CRIATIVO

Segundo Pablo Schanton, no prefácio ao livro *Os fantasmas da minha vida*, em sua versão argentina, Mark fisher resolveu fazer sua própria versão de “crítica cultural acerca do que o jornalista americano Simon Reynolds chamou de *Retromania*” (2018, p. 12), porém, fazendo uma comparação entre o “modernismo popular”, produzido na passagem dos anos 1970 a 1980, e a produção pop do presente. Na leitura de Fisher, os aspectos de tempo desorientado tiveram seu início exatamente na passagem daquelas décadas, com a instauração do programa neoliberal, que reverberou na emblemática frase da banda britânica Sex Pistols, “there is no future”, em 1977. A frase assinala um importante aspecto que se adensa na contemporaneidade: a perda de uma crença positiva no futuro, como sintoma da dilatação do presente.

Em *O lento cancelamento do futuro*, que se encontra na primeira parte do livro citado acima, Fisher utiliza o roteiro e a cena final da série britânica dos anos 1980, *Sapphire and Steel*, como metáfora para pensar um presente marcado pela uma crise da percepção do tempo. Segundo o filósofo, o autor da série buscou “escrever uma história de detetives onde pudesse incorporar o tempo” (2018, p. 26), assim, em sua narrativa, a questão central é a ruptura do tempo. Afirma que: “um dos objetivos de *Sapphire and Steel* era transpor as histórias de fantasmas fora do contexto vitoriano, para levá-las a lugares contemporâneos ainda não habitados ou recentemente abandonados.” (2018, p. 29), dessa forma, os personagens precisavam resolver questões que envolviam a articulação de diferentes temporalidades no presente, e que emergiam de uma brecha em sua estação de trabalho. A crise das

temporalidades se daria, segundo eles, em razão de uma predileção dos humanos por misturar artefatos de diferentes épocas.

Além do “anacronismo e obscurecimento dos períodos dispostos um dentro dos outros” (2018, p. 29), os espaços físicos também forneceram elementos para pensar sobre a crise do tempo: é o caso do episódio final, que se passa em um café repleto de *logos* corporativas, que Fisher afirma ser “um lugar a meio caminho”, ou um lugar de passagem, equivalente ao que o antropólogo Marc Augé chamaria, anos depois, de “não lugares”, e que tem nos shopping centers e aeroportos suas exemplificações. Não obstante o café se configurar como um lugar de passagem, os personagens descobrem mais tarde que não é possível escapar dali, uma vez que o local está completamente suspenso no espaço, de onde um dos interlocutores emite a frase: “Esta é uma armadilha. Isto não é nenhum lugar e é para sempre” (2018, p. 30). Para Fisher, a fala reflete perfeitamente a crise contemporânea marcada pelo anacronismo e pela inércia, por uma experiência do presente dilatada, de onde não é possível escapar.

Refletindo sobre o contexto de produção da série, Fisher afirma que ela só foi possível de ser realizada e exibida em horário central em razão do contexto político anterior à instauração do programa neoliberal no Reino Unido. Segundo ele, o sistema neoliberal foi um verdadeiro catalisador de mudanças na cultura pop, instalando uma improdutividade criativa, que pode ser explicada a partir de uma série fatores combinados, como a precarização do trabalho e o superestímulo cultural, que deixa os indivíduos sobrecarregados e esgotados; a insegurança econômica e a instabilidade das relações de trabalho, que os impele a buscar um sustento imediato, alterando as fronteiras entre trabalho e ócio, tão importantes para a criatividade; além disso, a destruição de valores baseados na segurança e na solidariedade abrem a necessidade de um retorno àquilo que é familiar (2018, p. 30), o que explica, em parte, o apelo ao retrô. Fisher também afirma que no Reino Unido o neoliberalismo privou gradualmente os artistas da segurança financeira necessária para produzir novidade, recursos estes que eram investidos na educação universitária e, indiretamente, financiavam os experimentos culturais produzidos nesses ambientes (2018, p. 40). Sob a égide do novo sistema financeiro, os produtos passaram a ser criados pensando no consumo, portanto, precisavam ser exitosos desde o seu lançamento, o que, aliados aos altos custos da produção, os tornou cada vez mais comerciais e menos experimentais.

Relacionando passado e presente, Fisher aponta que a aceleração dos meios de comunicação e a internet foram outros fatores que colaboraram para “terreno de improdutividade do presente” – que começaram com a ascensão do neoliberalismo e repercutem até hoje –, pois a internet abriu a

possibilidade de acesso a produtos culturais produzidos em épocas distintas², sobrecarregando os sentidos de escolhas e provocando certa inércia, uma vez que é possível explorar a história e a cultura mundial sem sair do lugar, além disso, não é mais possível se permitir uma retirada voluntária da vida cotidiana a fim de experimentar uma imersão no ócio criativo, já que, de todos os lugares, se pode ter acesso à comunicação e à produção cultural, influenciando as escolhas e incidindo sobre a criação. O atual estado de coisas promove assim um *déficit* de atenção decorrente de uma sobrecarga de estímulos que, em última instância, é paralisadora e produz efeitos negativos sobre a criatividade.

A CRISE DO TEMPO E O DEVER DE MEMÓRIA

O historiador francês François Hartog aponta que a crise do tempo se tornou o centro da preocupação de estudiosos e historiadores em meados dos anos 1980. A respeito do tema, são emblemáticas as obras de Paul Ricoeur *Tempo e Narrativa* (1983), *A memória, a história, o esquecimento* (2000). Após as duas grandes guerras, que minaram as certezas e o otimismo das sociedades modernas, a queda do muro de Berlim em 1989 e o fim da URSS foram marcos que abalaram a relação das sociedades contemporâneas com o tempo, abrindo espaço para rearticular passado, presente e futuro. Na tentativa de responder às incertezas do presente e as novas expectativas geradas em relação ao futuro, tradições passam a ser retomadas e reinventadas, as orientações temporais passaram a ser justapostas, articulando uma outra percepção de tempo que já não privilegia mais a cadência, a ordem, a linearidade e o progresso, mas a ruptura e as descontinuidades.

A crise do tempo se instaura *pari passu* à crise da memória, que a partir da ruptura de tempo e espaço, acelerada pelo neoliberalismo, com a globalização da economia, demanda a proteção dos patrimônios mundiais. A convenção da Unesco de 1972 se insere nos primórdios dessa escalada da preservação da memória, da proliferação e da conservação do patrimônio, da construção de memoriais, da multiplicação de museus e da curiosidade pelas genealogias.

O historiador Pierre Nora aborda essa crise da memória, do tempo e da história, que se aprofunda nos meados dos anos 1980, no seu famoso texto *Entre memória e história: a problemática dos lugares* (1993). Nele, faz um diagnóstico da França de seu tempo, onde se opera uma perda da memória viva, refletida numa necessidade crescente de eventos comemorativos e na materialização da memória evanescente. Para o historiador, o fato de a memória estar no centro das preocupações seria o atestado mesmo de sua inexistência: “Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”, e ainda, “Há locais de memória porque não há mais meios de memória” (NORA, 1993, p. 7).

² Fisher afirma, sobre isso, que sob a *internet* foi a própria experiência da perda que se perdeu (2018, p. 26).

O historiador faz uma diferenciação entre memória e história para afirmar que a crise instalada entre a memória, a história e proliferação dos lugares de memória eram coisas que estavam intimamente ligadas. Segundo ele (1993, p. 9):

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna prosaica. (...) A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.

Assim, o que se assistia era o fim das “coletividades – memória”, povos que carregavam a sua memória viva nas práticas do dia a dia; o fim das “sociedades-memória”, sociedades cujas instituições como escola, família, estado, desempenhavam o papel da conservação e da transmissão de valores, e o fim das “ideologias-memória”, aquelas que pressupunham “a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para preparar o futuro; quer se trate da reação, do progresso ou mesmo da revolução”(1993, p. 8).

A historicização, segundo Nora, ao mesmo tempo em que instaura, é sintoma da perda da memória espontânea, pois a história faz uma elaboração crítica de um resto, de um vestígio: “No coração da história trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir (1993, p. 9)”. A perda da memória viva e a aceleração da história desencadeiam uma necessidade de materialização, de elaboração da memória a fim de retê-la e possibilitar a compreensão do sentido das coisas que se processa cada vez mais rápido. A imprensa jornalística, nesse sentido, participa de uma alteração da percepção histórica, uma vez que elabora os acontecimentos enquanto eles se desenrolam, concorrendo para obsolescência cada vez maior dos eventos, e, com isto, a sensação de uma aceleração da história: a memória voltada para a herança é substituída pelo atual e pelo efêmero (1993, p. 8).

Na esteira da perda da memória viva, aquela “abrigada no gesto e no hábito, nos ofícios em que se transmitem os saberes do silêncio, nos saberes do corpo”, se instaura a memória arquivística. Esta memória, segundo Nora, “se apoia inteiramente sobre o que há de mais preciso no traço, mais material no vestígio, mais concreto no registro, mais visível na imagem” (1993, p. 15). A acumulação

de vestígios se torna, então, a ordem de uma sociedade que perdeu a memória tradicional e, em seu lugar, como um sintoma, se torna uma acumuladora compulsiva de vestígios, obcecada pela lembrança, pela memória e pelo arquivo. O adensamento da produção de arquivos instaura a incapacidade do esquecimento, uma vez que é fundamental para a elaboração do sentido a pausa, o lapso, a destruição controlada, instaura-se, assim, a memória arquivo e a memória dever (1993, p.18).

EM VIAS DE CONCLUSÃO: QUANDO A TENSÃO NA CRISE DO TEMPO SE PERDE ENTRE O PRESENTISMO E O CANCELAMENTO DO FUTURO

Todas as sociedades distribuídas no tempo e no espaço possuem a sua maneira de articular as temporalidades, os momentos de “crise” se instauram quando as categorias do tempo, que permitem organizar as experiências, se articulam de maneira equivocada: o passado é demasiadamente esquecido ou lembrado, o futuro não se desenha no horizonte ou é ameaçador, e o presente se esvai no imediatismo (HARTOG, 2020, p 38). Para analisar estes períodos específicos, François Hartog lança mão da ferramenta heurística “regimes de historicidade”. Segundo ele, esta permite compreender as crises da ordem do tempo – isto é, aquela que domina em determinada temporalidade –, e “as condições de possibilidade da produção de histórias”, uma vez que o resultado da maneira como as categorias do tempo são articuladas concebe diferentes modos de escrever a história.

Hartog aciona as categorias de análise utilizadas pelo historiador Reinhart Koselleck para entender a produção do tempo histórico: o horizonte de expectativa e o campo da experiência, a partir de onde a produção do tempo é articulada na tensão entre as duas esferas. Para Koselleck, sob o regime moderno começa a se dar uma assimetria entre o espaço da experiência e o horizonte da expectativa, caracterizada pela abertura para o futuro e a crença no progresso. A velocidade das transformações diminui o espaço da experiência e dilata o horizonte da expectativa, de onde “a máxima ‘quanto menor a experiência, maior a expectativa’” (2020, p. 39). O que acontece no período posterior, entretanto, e que caracteriza o regime contemporâneo, é que o espaço da experiência diminui cada vez mais, configurando uma aceleração da história, provocando uma tensão do presente até o limite da crise, o que retira do horizonte a expectativa no futuro e resta a sensação de uma suspensão do tempo histórico, de um “presente perpétuo, inacessível, quase imóvel” (2020, p. 39), que Hartog nomeia de *presentismo*.

Os períodos históricos e seus regimes não se sucedem sem crises, sem as brechas no tempo, assim denominado por Hannah Arendt, onde coexistem as “coisas que não são mais e as coisas que não são ainda” (2020, p. 139), produzindo uma experiência de tempo desorientada. No limiar entre os séculos XX e XXI, o que se observa é a lenta substituição de um regime que via positivamente o futuro por um que habita nauseadamente o presente, e aqui evocamos a metáfora da série britânica

utilizada por Fisher, *Sapphire and Steel*, onde os personagens se encontram presos eternamente num local de passagem. A metáfora se mostra apropriada para pensar o estado de coisas da contemporaneidade, onde uma imensa quantidade de estímulos e novidades ofusca a percepção da inércia e da repetição, nos impedindo de produzir uma crítica que permita observar o esgotamento criativo e o anacronismo em que estamos imersos. Por outro lado, a nostalgia, tal como ela se apresenta hoje – como imperativo da justaposição de elementos de temporalidades passadas, que impede a produção algo novo, adequado ao presente –, se mostra como um sintoma desse esgotamento e da sensação de finitude que perpassa grande parte das sociedades contemporâneas. A “deflação das expectativas”, que vem na esteira da sensação de finitude, marca a experiência do “lento cancelamento do futuro”, que se opera desde o fim da modernidade, com o fim das utopias e das promessas de progresso e prosperidade sem fim que não se realizaram. O filósofo italiano Franco Berardi afirma que o futuro não acaba, simplesmente não somos mais capazes de imaginá-lo (BERARDI, 2019, p. 10).

REFERÊNCIAS

- BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- CASTRO, Eduardo Viveiros; DANOWSKI, Déborah. *Há um mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro: Cultura e Barbárie Instituto Socioambiental, 2014.
- FISHER, Mark. *Los Fantamas de mi vida: Escritos sobre depresión, hauntología y futuros perdidos*. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.
- _____. *Realismo Capitalista*. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7 - 28, Jul - Dez / 1993.
- PACHECO, Adelaide. O homem e a técnica em Bernard Stiegler. *Dossier Técnica*, Marília, v. 44, p. 163-184, 4 set. 2022.
- SINGER, Ben. Corpos e Sensação: Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004. cap. 1.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI*. No loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.